

O DIAGNÓSTICO E A IGREJA MODERNA

Thomas K. Ascol

(Preletor da I Conferência Fiel em Portugal - 2001)

A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO

Tempos atrás, como resultado de uma grave queda, minha filha sentia muita dor ao dobrar o braço. O médico a examinou, apalpou e estudou a área do cotovelo antes de, finalmente, solicitar um exame de raios-x. Baseado no que encontrou, concluiu que não havia fratura de qualquer osso e que ela apenas precisava cuidar-se por algum tempo, até que a luxação sarasse. Após uma semana, a dor continuava. Um segundo médico, depois de estudar o caso por alguns minutos, começou a apalpar o pulso de Sara, onde rapidamente descobriu um ponto dolorido, antes desconhecido. Ele havia, literalmente, colocado o dedo na verdadeira origem do problema. O cotovelo dolorido era um sintoma. Uma placa de crescimento fraturada, no pulso, era a causa. Seis semanas no gesso corrigiram

o problema e evitaram as dificuldades sérias que, sem o tratamento, poderiam aparecer.

Este incidente ilustra um princípio muito importante: uma receita adequada somente pode ser prescrita após obter-se um diagnóstico correto. Isto é tão verdadeiro na esfera da vida cristã quanto na da medicina. Um diagnóstico incorreto em ambas as esferas pode ser fatal.

Os sintomas precisam ser reconhecidos e cuidadosamente analisados. Mas nunca é suficiente apenas erradicar os sintomas; suas causas devem ser identificadas e combatidas. Jesus estabeleceu o fundamento para este princípio em sua advertência contra os falsos profetas: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.16). Seus frutos são sintomas de sua verdadeira natureza. Maus frutos indicam uma árvore má; bons frutos indicam uma árvore boa (Lc 6.43-45). Uma

árvore má não se torna boa simplesmente por colhermos seus frutos maus.

Tanto o médico quanto o pastor estão envolvidos no trabalho de diagnosticar e receitar. Reconhecendo isto, a descrição dos puritanos a respeito do pastor, chamando-o de “um médico da alma”, é muito apropriada. Assim como qualquer médico respeitado trabalhará para tornar-se cada vez mais habilitado na prática da medicina, a fim de promover a saúde física, assim também o pastor deve ser diligente no ministério da Palavra, a fim de promover a saúde espiritual (2 Tm 2.15).

No cenário da igreja contemporânea, talvez não haja maior necessidade do que um diagnóstico adequado de alguns sintomas perturbadores. O evangelicalismo está se tornando cada vez mais enigmático. Quanto mais as igrejas evangélicas se multiplicam e crescem, aparentemente tanto mais irrelevantes elas se tornam para os homens e mulheres modernos. Todos os nossos esforços, programas e estratégias não conseguem estancar a maré de imoralidade e indiferença espiritual ao nosso redor. Por que isto acontece?

Antes de sugerir respostas a esta importante pergunta, devemos primeiramente considerar dois sintomas específicos os quais indicam que a igreja evangélica moderna pode, realmente, estar com problemas sérios.

O SINTOMA DA MEMBRESIA SEM SIGNIFICADO

Um indicador óbvio é a falta de comprometimento da maioria dos membros de nossas igrejas. William Pinson Jr. chama este sintoma de “Membresia sem Significado”.

No início do século XX, Elton Trueblood observou: “A principal razão por que a igreja como a conhecemos agora não é mais eficaz consiste do fato de que ser membro dela tornou-se quase sem significado”.

Ele concluiu, em seguida: “Ser membro de igreja, em grande parte, agora acontece somente no papel”. A situação não melhorou no final do século XX. Um número significativo da-

queles que são contados como membros de igreja nunca assistem os cultos, nunca participam da vida de sua igreja e não contribuem para seu ministério. Esse tipo de membresia não tem significado.

Várias soluções têm sido prescritas em resposta a esta situação. As mais prevalentes são as que simplesmente propõem ignorarmos o problema, na esperança de que este realmente não seja tão significativo. “É somente uma pequena dor no peito — provavelmente, nada com que devemos nos preocupar”. Construiu-se uma nova categoria teológica, completamente não-bíblica, para justificar esse tipo de atitude. Refiro-me à teoria do “Crete Carnal”, que foi

Uma árvore má não se torna boa simplesmente por colhermos seus frutos maus.

popularizada em livretos e panfletos. Essa teoria ensina que alguns crentes simplesmente não são “espirituais”, e, portanto, não podemos esperar que façam coisas espirituais, tais como ir à igreja, orar, contribuir, ter comunhão com os crentes ou crescer na graça. Com certeza, perderão algumas recompensas no céu, mas, “pelo menos, estão salvos!”

Essa teoria tranqüiliza a consciência de muitas igrejas e seus líderes, por verem seus “membros de rol” como pessoas que estão no caminho do céu. Sem dúvida, tais membros deveriam ser encorajados a tornarem-se “espirituais”; porém, ainda que nunca o façam (assim prossegue o raciocínio), pelo menos o destino deles está assegurado.

Esta receita que sugere nada fazermos em resposta a membros inativos falha terrivelmente pela simples razão de diagnosticar o problema de maneira completamente errada. A ampla falta de comprometimento entre os membros da igreja é sintoma de uma incorreta doutrina da salvação, na igreja. Perguntas específicas precisam ser feitas e respondidas, perguntas tão básicas que são freqüentemente despercebidas e admitidas como óbvias: O que significa ser um crente (isto é, como ele age; como reage a situações, quais seus desejos e interesses espirituais, etc.)? Como podemos nos tornar crentes? Em que consiste a fé que salva e como ela se expressa?

Se estas perguntas forem consideradas à luz das Escrituras e se permitirmos que o impacto total das respostas instrua nossa doutrina de salvação, surgirá uma nova avaliação dos

membros de igreja completamente inativos. Torna-se impossível negar a forte probabilidade de que muitos daqueles que apenas têm seus nomes no rol de membros das igrejas jamais foram verdadeiramente convertidos. Esta conclusão demanda uma reavaliação das estratégias evangelísticas que inicialmente colocaram tais pessoas no rol de membros. Uma renovação bíblica do evangelismo, tanto em seu conteúdo como em sua metodologia, será apropriada.

Se a enfermidade tem de ser efetivamente enfrentada, sua causa fundamental precisa ser revelada. O primeiro passo para curar a doença da ampla inatividade entre os membros de igreja é retornar a padrões mais bíblicos de evangelismo e discipulado.

O SINTOMA DE UM CULTO FRACO

Outro sintoma de enfermidade eclesíástica é o culto fraco. Esta área da vida da igreja tem recebido atenção cada vez maior dos líderes de igreja em anos recentes. A última década presenciou a publicação de numerosos artigos e livros sobre o assunto. “Ritualístico”, “não-atrativo”, “enfadonho”, “monótono” e “não-inspirador” são alguns dos termos que têm sido usados para descrever os cultos das igrejas evangélicas.

Freqüentemente, esses cultos parecem ser mal planejados e realizados de maneira irrefletida. O foco não está em Deus (assim como a adoração nas Escrituras claramente sempre está), e sim no homem. A Palavra de Deus é negligenciada, e os adoradores com freqüência estão mais

preocupados com o que poderão ganhar do culto do que com o que deverão oferecer a ele. Para muitos membros de igreja, o culto tornou-se opcional e a freqüência está fundamentada na conveniência.

Muitas receitas estão sendo sugeridas em resposta ao sintoma do culto fraco. A liderança de uma denominação evangélica desencadeou uma ênfase no completo enriquecimento e freqüência ao culto, intitulada “Vamos Todos à Igreja”. Entre outras coisas, esta ênfase foi idealizada para ajudar as igrejas a focalizarem-se na importância do culto, enquanto procuram implementar mudanças nos cultos das igrejas.

Algumas das propostas que estão sendo feitas hoje para tornar o culto relevante chegam ao ridículo. Um grupo de igrejas sugeriu que o culto seria melhorado trocando-se as lâmpadas brancas do auditório por lâmpadas cor-de-rosa. Outras sugestões incluem: formar um conjunto musical, acrescentar uma orquestra, comprar um teclado eletrônico, utilizar audiovisuais e remover o púlpito. Nada está inerentemente errado nessas idéias. O problema é que todas elas erram no que se refere ao assunto principal. O culto não é uma simples atitude; é um encontro. Quando os crentes, conscientemente entrarem na presença de Deus — não importa a cor das lâmpadas —, eles O louvarão.

Os atuais especialistas em cresci-

mento de igreja falam a respeito de tornar o culto “amigável”, isto é, atrativo e não-ameaçador, para os incrédulos. Se esta afirmativa significa que deveremos fazer o possível para cativar a amizade dos incrédulos e tornar-lhes conveniente sua freqüência aos cultos (isto é, fornecendo-lhes instruções claras, mantendo em bom estado as acomodações da igreja e as instalações, limpas, etc.), então ninguém deve protestar. No entanto, as propostas específicas feitas por muitos especialistas em crescimento de igrejas claramente demonstram que eles não têm isso em mente.

Pelo contrário, a filosofia que advoga este novo esforço para desenvolver o “culto amigável” é simplesmente esta: descubra o que as pessoas não-convertidas gostam e ofereça-lhes nos seus cultos de adoração. Se gostam de música popular, use-a. Se preferem música “Country”, mude para este o estilo de música de sua igreja. Além disso, visto que estamos entrincheirados na era da te-

levisão, assegure-se de que o culto seja movimentado e tenha muita variedade. Inevitavelmente, esta filosofia leva o culto a ser uma ocasião de entretenimento. A congregação se torna um auditório. Os dirigentes do louvor se tornam atores em um palco, e o culto, um espetáculo.

Neste cenário, o remédio proposto é mais fatal do que a enfermidade. Mais uma vez, o problema é o diag-

— ■ —
*Culto fraco é um
 sintoma de uma
 teologia inadequada.*
 — ■ —

nóstico errado. Culto fraco é um sintoma de uma teologia inadequada. Especificamente, retrata uma visão deficiente de Deus e uma incompreensão da essência e do fundamento da própria adoração.

O louvor de Isaías estava longe de ser enfadonho ou ineficaz. Quando ele reconheceu que estava na presença do Deus três vezes santo, poderia somente adorar. Humilhou-se, e confessou o seu pecado; recebeu o perdão e ofereceu-se para servi-Lo (Is 6).

Paulo demonstrou o fundamento da adoração eficaz em Efésios 1.3-14. O que o levou a explodir em adoração e louvor a Deus? Mesmo uma leitura superficial desses versículos mostra a resposta. O fundamento da verdadeira adoração é a consciência e a consideração do caráter e das obras de Deus. Ele deve ser “bendito” porque é o “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual” (v.3).

Três vezes, nesses versículos, Paulo expressou louvor em conexão com a glória de Deus (vv. 6, 12, 14). Em cada instância, ele estava contemplando um aspecto de nossa salvação trinitária. Deus, o Pai, nos elegeu “para louvor da glória de sua graça”. Deus, o Filho, nos redimiu “a fim de sermos para louvor da sua glória”. Deus, o Espírito Santo, nos selou “em louvor da sua glória”.

— ■ —

O fundamento da verdadeira adoração é a consciência e a consideração do caráter e das obras de Deus.

— ■ —

Que sugerem esses versículos? Exatamente isso: nosso culto se tornará importante para nós, ao contemplarmos e crescermos em nossa habilidade de compreender a majestade de nosso Deus triúno, em sua pessoa e obras. Se, nas palavras de J. B. Phillips, “seu Deus é pequeno demais”, é inevitável que sua adoração será deficiente. Em muitas igrejas de nossos dias, o “deus” que está sendo pregado é tão humano, que não é digno de louvor (Sl 50.21).

Mecanismos, formas, estilos têm seu devido lugar, mas a substância do culto tem de ser centralizada em Deus — o Deus das Escrituras.

O DIAGNÓSTICO E A RECEITA

Então, por que a igreja evangélica está demonstrando tão pouco impacto sobre os homens e as mulheres de nossa sociedade? Falta de programas? Ela não é suficientemente moderna? É pobre em *marketing*? Não. O problema é mais simples do que qualquer destes. Em muitos pontos cruciais, perdemos nossos alicerces espirituais e doutrinários. Procuramos substituir o genuíno poder espiritual por métodos de homens.

Por um lado, o que precisamos está além de nosso alcance. Precisamos de uma nova visitação do poder do Espírito em nosso culto e nosso evangelismo. Isso está além de nosso

alcance, mas não além de nossas orações.

Por outro lado, o que precisamos está ao nosso alcance. No findar do século XX, a igreja evangélica está em desesperada necessidade de uma reforma bíblica e teológica. Precisamos voltar aos princípios bíblicos básicos, princípios históricos, princípios que serviram ao evangelicalismo em seus anos de formação. Necessitamos de uma reforma, tanto em nossa fé como em nossa prática.

Alguns dos filhos de Issacar foram descritos como homens “conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer” (1 Cr 12.32). Tinham a receita eficaz, porque fizeram um diagnóstico exato dos dias em que viviam. Deus levante mais filhos de Issacar que, entendendo corretamente os sintomas que se tornam evidentes, sejam hábeis em prescrever remédios bíblicos para nossas igrejas, ao enfrentarem o século XXI.

VOCÊ É UM CALVINISTA?

John Newton

Se você pensa em um calvinista como alguém inflexível, dogmático, censurador e disposto a proferir maldições contra todos os que dele discordam, espero que eu não seja esse tipo de pessoa. Quanto às doutrinas que alguns estigmatizam com o nome de calvinismo, não posso evitar este apelido severo, enquanto creio em tais doutrinas. Parece não haver um ponto intermediário entre o defendê-las e o não defendê-las; entre o atribuir a salvação à vontade do homem ou ao poder de Deus; entre a graça e as obras (Rm 11.6); entre o ser achado por Deus tendo a justiça de Cristo ou a minha própria justiça (Fp 3.9).

As graves conseqüências freqüentemente atribuídas a doutrina calvinista realmente fazem parte dela? Eu teria muito a responder em favor dessa doutrina, se eu mesmo a tivesse inventado ou se a tivesse recebido do próprio Calvino. Mas, visto que a encontro nas Escrituras, eu a aceito com alegria e deixo que o Senhor vindique sua própria verdade e seus próprios caminhos de todas as acusações que têm sido lançadas sobre eles.

ENCORAJANDO-NOS EM DEUS

Paul Cook

Há vários anos, lemos uma história a respeito do fato de que o diabo decidiu realizar um leilão. Ele pôs muitos objetos à venda; alguns deles, tais como inveja, ódio, avareza, sensualidade e egoísmo, foram vendidos por preço elevado. Dar lances se tornou bastante competitivo. No entanto, um objeto não recebeu nenhum lance. Este objeto, em formato de cunha, tinha o nome de “desencorajamento”. A história prossegue afirmando que, sendo incapaz de vendê-lo, desde então o diabo o tem utilizado com eficácia notável. Ele se deleita particularmente em introduzir essa cunha nas vidas dos ministros do evangelho; e tem obtido muito sucesso.

O desencorajamento é um dos grandes obstáculos no ministério, especialmente nesses dias de coisas insignificantes. Como lidar com o desencorajamento é um problema que temos de enfrentar. Uma das maneiras mais eficazes de enfrentarmos o desencorajamento é ler as biografias de bons crentes, mas, em especial,

daqueles mencionados nas *Escrituras*.

A ocasião em que Davi permaneceu entre as ruínas fumegantes de Ziclague foi talvez a mais desencorajadora para ele. Dale Davis, em seu excelente comentário sobre 1 Samuel, com discernimento usou a expressão “Quando os Fundamentos Caem aos Pedacos” para intitular a seção do capítulo 30. Existem tais ocasiões na vida cristã.

Davi era um fugitivo, perseguido por Saul, que estava sedento para matá-lo. Ele havia procurado e encontrado refúgio com Aquis, um dos reis filisteus. Aquis se iludira pensando que Davi e seus homens estavam desbaratando inimigos em favor dele. Aquis recompensou Davi ofertando-lhe a cidade de Ziclague, onde ele, seus homens, suas mulheres e seus filhos puderam viver. Mas chegou a época em que filisteus reuniram seus exércitos para lutar contra Israel. Aquis desejava que Davi os acompanhasse (1 Sm 28.1-2); mas Davi foi eximido desse indesejável plano quando os altos oficiais dos

filisteus rejeitaram a idéia (1 Sm 29).

Davi e seus homens fizeram uma viagem de cem quilômetros, retornando de Afeca para Ziclague. No entanto, quando ali chegaram, a cidade estava em ruínas (1 Sm 30.1-6), e suas mulheres e filhos, diante de tudo que Davi e seus homens sabiam, estavam mortos.

Felizmente, comprovou-se que isto não acontecera. Na verdade, eles haviam sido levados cativos pelos amalequitas, que invadiram o Noguebe (a região sul de Israel), na ausência de Davi, e fizeram uma pilhagem considerável. Ali estava Davi, nas ruínas de Ziclague, encarando um dos momentos mais obscuros de sua

vida. Seus homens ficaram tão aflitos, que realmente falaram em apedrejá-lo. Tudo estava arruinado, literalmente! Às vezes, a vida cristã assemelha-se a esta situação e, isto não é menos verdadeiro no que se refere ao ministério pastoral: todas as coisas pelas quais nos esforçamos parecem desintegrar-se diante de nossos olhos, e os companheiros de nosso “arraial” se tornam desafeiçoados. O que devemos fazer?

Como Davi agiu? Ele não desistiu; não sentiu-se ofendido por Deus, nem culpou seus homens. Devemos observar isso. Nunca culpar o povo é uma regra áurea no ministério cristão. Davi não fez nenhuma dessas coisas. Ele agiu como temos de agir

em circunstâncias de desencorajamento. Lemos que “Davi se reanimou no SENHOR, seu Deus” (1 Sm 30.6b); ou, como afirma outra tradução: “Davi encontrou forças no Senhor, seu Deus” (NVI). Surge a pergunta: como ele fez isso? Enquanto procuramos esclarecer o significado dessa frase, o exemplo de Davi deve nos fornecer auxílio no presente.

1. Primeiramente, precisamos observar que *ele se recusou a entrar em desespero*.

Davi tinha muitas razões humanas para fazer isso. Afinal de contas, ele vinha sendo perseguido por Saul, desacreditado pelos filisteus e magoado nesta ocasião por seus pró-

prios homens. As coisas não poderiam ser pior. Davi estava sozinho, enquanto a pungente fumaça das ruínas de Ziclague pairavam ao redor de suas narinas. O Senhor nunca prometeu uma vida tranqüila para seu povo; tampouco Ele garantiu aos pregadores do evangelho um ministério sem problemas. O pastor que está esperando por uma igreja sem problemas não deveria estar no ministério. Davi sabia que uma parte de sua vocação consistia em resolver problemas. No entanto, Ziclague foi uma grande prova para a sua fé. Nesta circunstância, ele enfrentou um desastre esmagador. Ele não se desesperou; temos de agir de maneira semelhante. O desespero é pecado, sempre,

*A prosperidade ou
qualquer outro aspecto
da vida da Igreja nunca
dependeu do mundo.*

porque o desespero é realmente incredulidade. Davi buscou o Senhor. Afinal de contas, o Senhor jamais é vencido. Edward Mote expressou essa verdade em seu excelente hino:

*Quando tudo em volta de
minh'alma desmoronar,
Então, toda a minha esperança
e firmeza Ele será.*

Nesse *então* vemos claramente que Deus é toda a nossa esperança e firmeza. Davi procurou forças no Senhor, seu Deus. Mas, como ele fez isso?

2. *Ele não permitiu que o presente determinasse seu ponto de vista a respeito do futuro.* Podemos afirmá-lo dessa maneira. Davi não era um existencialista! Humanamente falando, tudo estava perdido, mas somente quando avaliado sem levar Deus em conta. Antes de Davi, outros homens piedosos haviam experimentado situações semelhantes. Moisés enfrentou um motim contra a sua autoridade. Devemos aprender com Davi a importância de trazermos Deus imediatamente à avaliação das circunstâncias. Existem ocasiões quando tudo que podemos fazer é esperar e ver o que Deus realizará. Assim, Davi encontrou forças no Senhor, seu Deus. O futuro estava nas mãos de Deus tanto quanto Davi. Nós afirmamos que cremos na soberania de Deus, mas o teste genuíno constitui-se uma crise. Em algumas ocasiões, alguns arminianos se comportam como calvinistas; e, infelizmente, alguns calvinistas agem como arminianos. As provações testam a

nossa teologia para comprovar o que ela realmente é.

A situação espiritual do mundo é uma prova para muitos crentes, uma prova de fé e coragem. Mas a nossa perspectiva futura e a dos que fazem parte do reino de Deus não pode ser avaliada pelos níveis de incredulidade prevalente em nossos dias. A prosperidade ou qualquer outro aspecto da vida da Igreja nunca dependeu do mundo. Deus não está restringido pelas disposições atuais dos homens ímpios. Por conseguinte, podemos afirmar, juntamente com Davi:

Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, A ele, meu auxílio e Deus meu (Sl 43.5).

3. A terceira coisa que Davi fez, evidentemente, *foi exercitar fé em Deus.* Certamente isto é o que significam as palavras “Davi se reanimou no Senhor, seu Deus”. Existe uma diferença entre *ter* e *exercitar fé* em Deus. A Epístola aos Hebreus refere-se totalmente a exercitar fé em Deus. Como Davi fez isso? Ele exercitou sua fé por lembrar-se de quem Deus é e o que havia sido *para ele*. Davi fez isso de várias maneiras:

a) *Ele levou em conta o caráter de Deus.* Podemos ver isso constantemente nos salmos. Davi se gloria nos atributos de Deus: sua sabedoria, bondade, poder, fidelidade e graça. Davi recordou a história de Israel e as poderosas realizações de Deus, ponderando sobre como isso confirmava tudo que ele sabia a res-

peito de Deus. O Deus de Israel era o Deus de Davi, mesmo estando ele entre as ruínas de Ziclague! Ele é o “Deus vivo” (1 Sm 17.26, 36). E o Deus de Davi é o nosso Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Duvidemos de nossa própria sabedoria e não confiemos em nossos próprios sentimentos, visto que são indignos de confiança. Não nos apeguemos aos nossos planos e expectativas, e, sim, confiemos totalmente em Deus.

b) *Davi recordou a maneira como Deus lidava com ele.* Novamente, os Salmos nos mostram que Davi sempre fazia isso. Poderia ele esquecer as providências admiráveis e os maravilhosos salvamentos realizados pelo Senhor — salvamento da boca do leão e do urso, de Golias, da inveja de Saul, dos soldados inimigos e dos filisteus? Todo crente possui sua própria lista de misericórdias manifestadas no passado, sendo capaz de celebrar as realizações anteriores de Deus para com ele. Na verdade, as coisas parecem mais claras quando vistas em retrospectiva. No entanto, temos de aprender a coletar do passado cada instância em que se manifestaram a fidelidade e a provisão divina, trazendo-as a uma equiparação com o presente. Deus nos preserva e não nos lança fora.

c) *Davi lembrou-se da aliança divina.* A aliança da graça divina com Abraão e seus descendentes seria mais tarde conhecida como as “fiéis misericórdias prometidas a Davi”. Em Ziclague, Davi reafirmou sua confiança na contínua fidelidade de Deus. Isto é salientado na frase “Davi se reanimou no Senhor, seu Deus”. O Senhor da aliança de misericórdias

era o “seu Deus”. Ele não lhe havia falado através do profeta Samuel, referindo-se aos propósitos de sua aliança para Davi? Deus não havia favorecido o seu povo? Os propósitos falhariam agora? Isto é inconcebível. Permanecendo ali, nas ruínas de Ziclague, Davi não podia mais dizer “*minha cidade*”, “*minha casa*”, “*minhas possessões*”. Ele até duvidou se podia dizer “*minhas esposas*” e “*meus filhos*”. E, se estes ainda se encontrassem vivos, Davi não ousava pensar na degradante vergonha que eles certamente teriam sofrido. Mas, apesar de tudo isso, Davi ainda pôde afirmar: “O Senhor, meu Deus”.

Jamais devemos permitir que autopiedade mova-se em nosso íntimo. Visto que Deus pôs sobre nós o seu amor, não temos qualquer direito de sentir piedade de nós mesmos. Aqueles em favor dos quais Deus sacrificou seu único Filho devem ter pena de si mesmos? Devemos nós, aqueles que Deus tornou seus filhos e filhas, considerar-nos objetos de piedade? Davi, nas ruínas de Ziclague, não se compadeceria de si mesmo; ele sabia disso. Em qualquer circunstância, como “herdeiros de Deus e co-herdeiros juntamente com Cristo” podemos ser alvos de *inveja*, mas não de piedade. Davi lembrou-se da aliança divina, e assim também devemos nós fazer.

4. *Davi buscou a sabedoria de Deus.* Ele fez isso ao consultar a Palavra de Deus. Por esse motivo, Davi chamou o sacerdote Abiatar, com a estola sacerdotal, para que o Senhor lhe tornasse conhecido o seu pensamento e a sua vontade, por meio do

Urim e do Tumim (1 Sm 30.6-7). Esse foi o instrumento de revelação para Davi. Hoje temos a sabedoria de Deus escrita em sua Palavra; e, buscando-a, também nos fortaleceremos no Senhor.

Desta maneira Davi exercitou sua fé no Senhor. A adversidade é a grande prova da fé. Os pregadores talvez enfrentem problemas angustiantes, enfermidades crescentes, graves desapontamentos, ataques de Satanás e “ondas de desânimo” na obra de Deus. Nessas ocasiões, podemos nos fortalecer no Senhor. Temos de ser semelhantes a Habacuque:

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente” (Hc 3.17-19).

Recordemos essas animadoras palavras de Amy Carmichael:

*Não é vão o enfadonho trabalho,
Em um solo que não reage.
Labuta, verte lágrimas em
segredo,
Com esperanças inertes como
os mortos.
Teu coração desanimado clama:
“Tudo é inútil”.
Teu Senhor responde:
“Não é inútil;
Ainda não está bom o suficiente.
Crê, crê e verás”.
O teu labor resulta em pó?
Sofrimento — ele te consome*

*como a ferrugem,
Enquanto a foice, outrora
afiada,
É vista como um instrumento
sem corte?
O pó e a ferrugem são a tua
recompensa?
Aniquila o pensamento! Crê no
teu Senhor,
Quando a tua alma se encontra
em aflição,
Medita em sua fidelidade.*

Deste modo, Davi “se reanimou no Senhor, seu Deus”. Observe a expressão “seu Deus” — isto explica porque Davi tinha recursos, mesmo em Ziclague, sendo a razão pela qual também nós possuímos recursos abundantes. Surgem ocasiões em que somos vencidos, nossos corações desfalecem, e talvez nossos próprios amigos nos abandonam. Os homens com certeza nos desapontam, mas nosso Deus jamais falhará para nós. Existem épocas em que a obra de Deus parece estar em ruínas, como Ziclague, quando a inimizade e a discórdia encontram-se no arraial, e o povo de Deus demonstra má disposição para seguir nossa liderança. No entanto, não está tudo perdido. Temos de recordar que em ocasiões assim Deus tem freqüentemente realizado suas maiores obras. Cumprenos fortalecer a nós mesmos no Senhor, nosso Deus.

A seqüência desta cena desastrosa em Ziclague foi mais encorajadora do que Davi poderia ter imaginado. Sem dúvida, ela continuará manifestando essa característica para todo o povo de Deus, em todas épocas e circunstâncias difíceis.

UM NOVO CORAÇÃO

“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”

Ezequiel 36.26

Você notará... Deus não tem prometido aperfeiçoar nossa natureza ou remendar nossos corações partidos. Não, sua promessa consiste em nos dar um novo coração e um espírito de retidão. A natureza humana está muito longe de ser apenas melhorada. Não é como uma casa que precisa de pequenos reparos, tais como substituir uma telha ou fazer um reboco no teto. Não, ela está completamente corrompida. Até seu alicerce está arruinado. Do teto ao alicerce, não há uma viga sequer que não tenha sido comida pelos cupins. Não existe mais solidez, está toda apodrecida e pronta para desabar. Deus não faz tentativas ou experimentos com o homem; Ele não escora as paredes com estacas ou pinta novamente as portas; não ornamenta e embeleza, mas determina que a velha casa seja completamente derrubada, e uma nova seja construída em seu lugar. Como já mencionei, isto é mais do que ser restaurada ou melhorada. Se apenas algumas peças estivessem em mau estado, poderiam ser consertadas. Se tão-somente uma ou duas engrenagens desta grande máquina chamada “humanidade” estivessem quebradas, o Criador colocaria tudo em ordem. Trocaria as peças quebradas, substituiria a roda danificada, e a máquina voltaria a trabalhar. Pelo contrário, os reparos são necessários por toda parte; não há sequer uma alavanca que não esteja quebrada ou eixo sem estragos; nenhuma das engrenagens funciona corretamente. A cabeça toda está doente e o coração completamente debilitado. Da sola dos pés à cabeça, a raça humana está toda infestada de chagas e feridas pútridas. Por isso, o Senhor, não pensa em apenas um simples reparo. Ele diz: *“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”*.

Charles Haddon Spurgeon, “The New Heart”,
New Park Street Pulpit, Vol.4, 378.

O TOM SOFRIDO DA VOZ PROFÉTICA

Gilson Santos

(Preletor da I Conferência Fiel em Portugal - 2001)

Já foi dito que precisamos aprender a sofrer o que não podemos evitar; isto significa que o sofrimento faz parte desta vida. Jó, experimentado no drama do sofrimento, concluiu que “*o homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação*” (Jó 14.1). Como as faíscas das brasas voam para cima, “*o homem nasce para o enfado*” (Jó 5.7).

O SOFRIMENTO COMO FATO DA VIDA

A Palavra de Deus nos revela que o sofrimento é uma realidade conseqüente da queda do homem, isto é, do pecado que nos atinge (Gn 3.16-19). Até mesmo a natureza sofre (geme) por conta da desobediência do homem, inclusive com desastres que ultrapassam a capacidade de controle

da vontade humana. Entre os efeitos do pecado encontram-se dor, sofrimento, enfermidade e morte. Devemos, pois, esperar o sofrimento como um fato natural desta vida. Mesmo muitos autores incrédulos descrevem o sofrimento como um fator característico e significativo da vida humana. Francisco Otaviano, poeta do século XIX, escreveu em seus versos: “Quem passou pela vida em branca nuvem, / E em plácido descanso adormeceu; / Quem não sentiu o frio da desgraça, / Quem passou pela vida e não sofreu; / Foi espectro de homem, não foi homem. / Só passou pela vida, não viveu”.

Também nós, os crentes, embora tenhamos sido libertos da *condenação* do pecado, não estamos livres de sua *presença*, nem completamente isentos de suas *conseqüências* neste

mundo. Além disso, devemos estar sempre convictos de que o sofrimento pode nos advir como consequência da ação do maligno contra nós. A Bíblia diz que “o diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1 Pe 5.8). Como exemplos, no Antigo Testamento, podemos lembrar as grandes aflições de Jó e, no Novo Testamento, vemos o apóstolo Pedro sendo *peneirado* por Satanás (Lc 22.31). Outras vezes, nós mesmos voluntária e conscientemente buscamos o sofrimento. “Aquila que o homem semear, isso também ceifarás” (Gl 6.7).

Muitas vezes culpamos o diabo, quando nós mesmos procuramos, produzimos e alimentamos o sofrimento. Fomos atraídos e engodados pela nossa própria concupiscência; é o caso dos sofrimentos que com frequência advêm aos maldicentes. E não esqueçamos que podemos estar sofrendo também como consequência da correção ou direção de Deus. O servo de Deus aprende que o “Senhor corrige a quem ama”; Ele nos “trata como filhos” (Hb 12.6,7).

“Bem-aventurado o homem a quem Deus disciplina” (Jó 5.17). “Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua Palavra” (Sl 119.67).

Na conclusão do Sermão do Mon-

te, ao falar sobre os dois alicerces, Jesus disse que as tempestades vêm às duas casas (Mt 7.24-27). Falando-nos sobre a importância vital do alicerce, Ele ressalta a obediência: “O que ouve as minhas palavras e as pratica”. Por vezes, somos chocados pela forma como vivem artistas e personalidades famosas, empresários e homens bem sucedidos no campo fi-

nanceiro, desportistas, políticos e homens poderosos, cientistas e intelectuais, grandes acadêmicos ou mesmo pessoas comuns que estão engajadas na construção do seu projeto de vida, e podemos ser levados à indignação. Entretanto, antes de indignar-se, ouça

o que a Palavra de Deus afirma: “Descansa no Senhor e espera nele, não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios. Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente, isso acabará mal” (Sl 37.7-8). Não podemos nos iludir com a aparência das construções. A diferença está nos alicerces. Um dia a casa sobre a areia vai ruir, e será “grande a sua ruína”.

A NATUREZA DE NOSSA VIDA COM CRISTO

O sofrimento como um elemento característico da vida humana, portanto, é um fato. Porém, algo ainda

— ■ —

*Muitas vezes
culpamos o diabo,
quando nós mesmos
procuramos, produzi-
mos e alimentamos
o sofrimento.*

— ■ —

deve ser dito, conquanto não gostemos de admitir: o sofrimento faz parte da própria natureza de nossa vida com Cristo aqui neste mundo. Talvez alguém receie dizê-lo com todas as letras, mas um cristianismo sem sofrimento é algo totalmente estranho ao conteúdo do Novo Testamento. O próprio Senhor Jesus nos advertiu com clareza a este respeito. De fato, Ele honesta e cristalinamente, assim advertiu todos quantos desejaram segui-Lo. Advertiu seus discípulos: “*No mundo tereis aflições*”; e referiu-se ao discipulado como “*lançar mão do arado*”, “*tomar a cruz*”, “*negar-se a si mesmo*”. Ele falou apenas de dois caminhos: um, estreito, apertado, anti-natural, para a vida, para cima, como o trajeto do peixe na piracema. O outro, largo, espaçoso, natural, para a morte, para baixo, como o trajeto do peixe morto levado pela correnteza. Devemos ficar preocupados e temerosos, se o nosso cristianismo é o mesmo das multidões. Se o seu cristianismo é fácil, popular e conveniente, tome cuidado! Não devemos nos sentir desanimados, se o cristianismo que professamos não é popular e se poucos concordam conosco. “*Estreita é a porta, e apertado, o caminho... e são poucos o que acertam com ela*” (Mt 7.14). O arrependimento, a

fé em Cristo e a santidade na vida nunca estiveram na moda. No seu ministério na Galácia do Sul, Paulo experimentou grandes tribulações (in-

clusive apedrejamento), sendo, entretanto, capaz de fortalecer “*a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus*” (At 14.22). Este mesmo Paulo comisionou Timóteo aos crentes tessalonicenses, dizendo: “*...a fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações. Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto*” (1 Ts 3.3).

O escritor da Epístola aos Hebreus nos lembra que somos estrangeiros neste mundo, e João, exilado em Patmos, escreve às sete igrejas da Ásia apresentando-se como “*irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus*” (Ap 1.9). Vivemos em terra estranha.

O crente está identificado com Cristo. E, como afirma o apóstolo Paulo, estamos crucificados com Cristo, o que nos identifica também com os seus padecimentos e sua morte. Paulo disse a sofredora igreja de Filipos: “*Porque vos foi concedida a graça de padeceis por Cristo e não somente de crerdes nele, pois tendes o mesmo combate que vistes em mim, e ainda agora, ouvis que é meu*” (Fp 1.29-30). Pedro declarou que não devemos estra-

nhar o fogo ardente que surge em nosso meio, como se alguma coisa extraordinária estivesse acontecendo (1 Pe 4.12). E continuou: “*Pelo contrá-*

■

*Não podemos nos
iludir com a aparên-
cia das construções.
A diferença está nos
alicerces.*

■

rio, *alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando*” (v. 13). Assim como o crente está identificado com Cristo nos seus padecimentos e na sua morte, assim também o será na sua consolação e na semelhança de sua ressurreição e sua glória. “*Como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação*” (2 Co 1.7); e, “*se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados*” (Rm 8.17). Paulo nos diz que estas aflições são temporárias e leves, em comparação com a glória eterna vindoura, que, aliás, disse ele, está “*acima de toda comparação*” (2 Co 4.17).

Isto não significa que um cristão saudável é alguém que tem prazer no sofrimento por si mesmo. Ele não é um masoquista enfermo que busca insanamente o sofrimento ou que tolamente o apressa. Não se trata de idealizar o sofrimento e nele sentir prazer ou se deleitar em ser maltratado.

Isto é um distúrbio de personalidade. Tampouco significa que ele está aqui no mundo com a missão de, sadisticamente, provocar o sofrimento dos outros, nem desejá-lo para a humanidade. Ao contrário, um cristão saudável não se deleita no sofrimento alheio. Tampouco é alguém que deseja tornar o sofrimento maior do que já é ou tem de ser. Um cristão saudável não é alguém que dramatiza o

sofrimento, nem que fica se lamentando em autocomiseração ou autopiedade. Não necessita da piedade alheia para sentir-se bem. Também não desenvolve, em meio ao sofrimento, uma natureza amargurada, rancorosa, ressentida, cínica ou incrédula. A ocasião não *faz* o homem; a ocasião *revela* o homem.

Isso também não significa que a vida do justo é pior do que a do ímpio. Ao contrário, a vida do justo caracteriza-se por bem-aventurança eterna, paz e contentamento que transcendem às circunstâncias ao nosso redor. A Bíblia e o crente estão repletos da alegria do Senhor. E esta alegria é nossa força.

Isso significa ser realista e perceber que o mal conspira contra o bem, em um mundo que jaz no Maligno. As trevas aborrecem a luz. “*Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal*” (Jo 17.14-

—■—

*Um cristianismo sem
sofrimento é algo
totalmente estranho
ao conteúdo do
Novo Testamento.*

—■—

15). “*Sereis odiados de todos por causa do meu nome*” é uma palavra de Jesus registrada muitas vezes nos evangelhos (Cf. Mt 10.22, 24.9). “*Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia. Lembrai-vos da*

palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou” (Jo 15.18, ss).

Assim, o cristão é capaz de se regozijar quando é considerado digno “*de sofrer afrontas*” pelo nome de Cristo (At 5.41); pode se gloriar nas “*próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança*” (Rm 5.3,4); e tem por motivo de grande alegria o passar por várias provações, sabendo que a provação da fé, “*uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes*” (Tg 1.2-4).

O cristão sofrerá quanto mais ele se tornar semelhante a Cristo. E o crente sabe que são prerrogativas de Deus: determinar o sofrimento, retribuir conforme sua própria vontade e justiça, regular a intensidade do sofrimento e determinar sua duração, tempo e continuação. Podemos e devemos orar expressando a Deus o nosso sofrer, inclusive pedindo-lhe alívio. Mas, acima de tudo, cumpre-nos confiar nEle, mesmo que o barco de nossa vida esteja em meio à tormenta. Deus “*não aflige nem entristece de bom grado*” (Lm 3.33). Porém, é justo e bom em todos os seus caminhos. O bom coração de Deus está pulsando em toda parte; e quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

UMA MARCA DO MINISTÉRIO PROFÉTICO

Tiago recomenda aos irmãos tomarem “*por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor*” (Tg 5.10).

Os profetas não herdavam seu ofício, nem eram estabelecidos por autoridade humana; eram escolhidos por Deus, que os chamava e lhes conferia as qualificações necessárias. A palavra do Senhor vinha a eles; Deus ordenava-lhes que falassem e não guardassem silêncio. Entre os sábios que a história registra, os profetas de Israel elevam-se pela sua pureza, pelo seu valor moral, bem como pela oportunidade de seus ensinamentos. Os profetas eram respeitados como homens e servos de Deus, mensageiros do Senhor, vigias e intérpretes. Eram homens santos, que se haviam entregado ao serviço de Deus e viviam em comunhão com Ele; eram homens de oração e meditação habitual.

O profeta era primariamente um homem da Palavra de Deus. O Novo Testamento, autenticando o Antigo Testamento, apresenta os profetas como a mais importante voz que nos veio do passado. O Senhor Jesus endossou a mensagem dos profetas. Porém, o Novo Testamento alude frequentemente ao fato de que foram uma minoria perseguida. A voz profética foi um grande e verdadeiro incômodo a uma liderança corrupta, a uma sociedade iníqua e injusta e a uma religião falsa, decadente ou apóstata. Para os tais, a presença do profeta era uma ameaça e um perigo; a voz profética era uma grande inconveniência. Às vezes, ela soava agradável e conso-

ladora como bálsamo, mas, com frequência, a voz profética se assemelhava a um espinho. Assim, um aspecto impressionante é a quantidade de referências do Novo Testamento ao sangue e à morte dos profetas (Mt 23.29-37). O escritor da Epístola aos Hebreus, na galeria da fé, afirmou que “alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra” (Hb 11.35-38).

Jesus se apresentava como quem pertencia à linhagem dos profetas rejeitados, e sua rejeição marcava o cúmulo da iniquidade, trazendo julgamento público sobre Jerusalém (Lc 11.47-51). Ele teve o seu getsêmane e sofreu os pesados golpes de martelo que O cravaram pelas mãos e pelos pés. Cumpriu-se nele a palavra profética: “Homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53.3). Estêvão, o primeiro mártir do cristianismo, no seu sermão em Jerusalém, fez uma conexão ininterrupta entre o

assassinato dos profetas e a morte de Jesus: “Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos” (At 7.52).

Nas bem-aventuranças, o Senhor Jesus disse aos seus discípulos: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11-12; comp. Lc 6.22-23).

No Novo Testamento, os profetas não eram fonte de novas verdades apresentadas à Igreja, e sim meros expositores da verdade revelada (1 Co 14.37-38). Eles não deveriam desejar a notoriedade dos inovadores, mas, antes, contender zelosamente pela “fé

que de uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), mantendo-se em posição de subordinação à doutrina dos apóstolos. Não obstante, eles, igualmente, não podiam esperar que ficariam isentos de sofrimento. No rico simbolismo do li-

*Quando lemos a
história do povo de
Deus, constatamos
que os caracteres mais
inabaláveis sempre
estiveram cheios de
cicatrizes.*

vro do Apocalipse, há uma referência a dois profetas (duas testemunhas) do Senhor, e afirma-se que de suas bocas sai fogo. Quando esses dois profetas são mortos, “os que habitam sobre a

terra se alegrem por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra” (Ap 11.10). Esta é uma descrição bastante realista do incômodo que o ministério profético também representa nesta dispensação da graça.

Escrevendo acerca dos sofrimentos da igreja tessalonicense, Paulo falou sobre os judeus que *“não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários...”* (1 Ts 2.15). Este mesmo Paulo escreveu a Timóteo, encorajando-o: *“Participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação”* (2 Tm 1.8-9); *“E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus”* (2 Tm 2.2-3). Disse-lhe o apóstolo: *“Tudo suporte por causa dos eleitos”* (v. 10).

O DESAFIO DE UMA CULTURA HEDONISTA

Muito se tem dito e escrito acerca do caráter hedonista de nossa geração. Somos uma geração que cultua o prazer e celebra o entretenimento. Até mesmo entre muitos evangélicos contemporâneos, o servir a Deus relaciona-se apenas com idéias felizes, fáceis e agradáveis. O privilégio ou a graça de sofrer (Fp 1.29) é, repetindo um refrão já conhecido, *uma graça*

que poucos desejam. Nosso mundo, em toda a sua lógica, se torna a cada dia mais patrocinador da idéia do não-sofrimento. *“Somos a sociedade do analgésico.”*

Por outro lado, é tremenda a necessidade de que Deus levante homens para a época em que estamos vivendo. Homens chamados, capacitados e enviados. Homens que acima de tudo tenham corações inflamados de amor a Deus e aos homens, que temam a Deus e nada mais, exceto o pecado, que tenham um zelo infatigável pela glória de Deus, que estejam prontos a morrer por Cristo, se necessário.

A leitura da história eclesiástica e de biografias de homens de Deus pode auxiliar-nos grandemente a perceber quão acanhada está se revelando a nossa geração. Quando lemos a história do povo de Deus, constatamos que os caracteres mais inabaláveis sempre estiveram cheios de cicatrizes.

David Brainerd é um exemplo de alguém que resolveu *colocar sua vida no altar*. Na história de missões, poucos influenciaram a vida de outros missionários como ele. Brainerd morreu jovem, aos vinte nove anos de idade, em 1747. Trabalhou entre os índios da América do Norte e viu, durante o seu ministério, um grande avivamento espiritual entre eles. As privações, o trabalho incansável, as intempéries consumiram o seu vigor. Uma prolongada enfermidade ceifou sua vida. Devido à sua fragilidade física e aos rigores do campo missionário, ele contraiu tuberculose. Brainerd calculou o preço do seguir a Cristo e deliberadamente fez uma escolha que significava separar-se do

mundo civilizado, com suas vantagens, e associar-se à dureza, ao trabalho e, possivelmente, a uma morte prematura e solitária. Entretanto, homens como William Carey, Henry Martyn, Robert Murray McCheyne, John Wesley, Jonathan Edwards, Charles Spurgeon, Oswald Smith, Jim Elliot, citando apenas alguns, testemunham a grande influência da biografia de Brainerd em suas vidas. Um biógrafo de Brainerd diz que ele “foi como uma vela que, na medida em que se consumia, transmitia luz àqueles que estavam em trevas”.

George Whitefield é outro homem do qual o mundo não era digno. Sua vida foi consumida diante do Senhor. Dr. Martyn Lloyd-Jones impressionou-se dele ter vivido quase 65 anos. Nos dias que antecederam à sua morte, Whitefield costumava pregar cinco ou seis vezes por dia. “Aquilo era comum para ele e, assim, colocava o seu corpo sob uma tremenda tensão.” Vejam o relato de suas ações em momentos antes de falecer, na madrugada de 30 de setembro de 1779. Após haver pregado por várias horas, numa condição física muito frágil, finalmente disse que estava indo para a cama.

Deram-lhe um castiçal com uma vela, mas o lugar estava cheio de pessoas. Aonde ele ia as pessoas se juntavam ao seu redor, fazendo perguntas, querendo ouvir uma palavra sua. Este seu último quadro é tremendamente maravilhoso, idílico. Whitefield estava procurando separar-se deles e começou a subir a escada, segurando a vela acesa em sua mão. Então, ele se voltou e falou-lhes novamente e lhes fez outra exortação.

Assim continuou, até que a vela se consumiu e só restou o castiçal em sua mão. Enfim, ele foi para o seu quarto e sua cama. Teve um grave ataque daquilo que agora chamaríamos asma cardíaca e morreu. Ele simplesmente foi para estar com o Senhor, a quem tanto amou... ele anelava estar com seu Senhor... este era seu maior desejo; enfim, lhe foi concedido.

Alguém disse acerca de alguns alpinistas do Monte Everest: “*Quando foram vistos pela última vez, estavam marchando decididamente para cima*”. Na tumba de outro alpinista que morreu na montanha foi colocado o seguinte epitáfio: “*Morreu sabendo!*” Estas mesmas palavras poderiam ser ditas de Brainerd, Whitefield e muitos outros.

Devemos afirmar com clareza: a nossa época carece de homens assim. O quadro do ministério evangélico atual é grave e parece estar piorando. Ninguém mais olvida o fato da crescente fisionomia profissional do ministério pastoral; e o sindicato de pastores é apenas um dentre múltiplos exemplos. Grassa um corporativismo sindical, completamente diferente do espírito do Novo Testamento. E o quadro pode se agravar cada vez mais com jovens ingressando nos seminários absorvidos por uma mentalidade em que sacrifício simplesmente é alguma coisa caduca. Até a década de 60, aqueles que ingressavam nos seminários eram, em sua esmagadora maioria, oriundos de famílias pobres e contextos rurais. Talvez o extrato econômico de procedência da maior parte dos atuais seminaristas não tenha mudado, mas agora eles vêm com

uma *mentalidade* e um *ideário* eminentemente urbanos e de classe média. Muitos, conquanto aparentemente sinceros, procedem de igrejas completamente imersas no triunfalismo dos “movimentos de fé”, da geração “supercrente”, do evangelho da saúde e da prosperidade. Ouviram em seus púlpitos de origem que, “se você aceitar Jesus, ficará muito rico”. Ouviram sobre um Deus que paga para você ser crente, e provavelmente ouviram pouco ou quase nada acerca do servir visando à glória de Deus e motivado pelo privilégio de conhecê-Lo. Tal como na esfera secular, emergiu uma geração predominantemente alheia a idéia de sacrifício, para a qual sofrimento significa ausência de fé, fracasso ministerial ou mesmo tolice.

Deve o leitor perguntar-se: cresce no ministério contemporâneo uma geração de líderes que está mais e mais susceptível a trocar o *direito* e a *bênção da primogenitura* por uma posição mais abastada e subsidiada? Em sua denominação é fenômeno raro uma troca de ministério em que haja perdas e sacrifício pessoal? E, nalguns casos em que isso ocorre, os motivos são os melhores e os mais nobres? O leitor tem a impressão de que é crescente o número daqueles que estão cada vez mais susceptíveis a transigir com a verdade e com sua consciência colocando sua subsistência e comodidade em primei-

ro lugar? Cresce o número daqueles que não estão sinceramente dispostos nem a desagradar pessoas ou grupos influentes da igreja, nem a contrariar procedimentos decadentes em sua denominação? Está se tornando comum ouvir que não estão dispostos a “queimar a sua imagem”, pois têm uma “carreira” pela frente? Parece-nos que numa razoável filosofia de ministério deveria constar o seguinte princípio: não devemos ser *desnecessariamente* antipáticos. Todavia, na filosofia de ministério de alguns obreiros atuais, o princípio pode ser assim enunciado: devemos ser *necessariamente* simpáticos. A que *mais* se assemelha o moderno pastor de sucesso em sua denominação? A um empresário e capitalista? A um administrador? A um construtor? A um especialista em *marketing* e publicidade?

A um relações-públicas? Ou a um profeta?

Precisamos admitir com tristeza: em alguns arraiais do evangelicalismo, a busca pelo poder é algo que envergonha. Há pessoas dispostas a *sofrer* os relacionamentos superficiais, as amiza-

des descartáveis e as corridas competitivas frequentes no cenário do poder, mas indispostas a sofrerem realmente pelo nome de Cristo ou a possuírem o mesmo espírito de Cristo revelado aos apóstolos na ocasião do lava-pés.

Um quadro terrivelmente crítico

■

David Brainerd... “foi como uma vela que, na medida em que se consumia, transmitia luz àqueles que estavam em trevas”.

■

será aquele em que os líderes tiverem verdadeira ânsia pelo espetacular e para quem o sucesso for mais importante do que a excelência e a fidelidade; em que os mecanismos de alienação, manipulação e indução forem cada vez mais fortes; em que para os líderes o importante for a realização de alguns objetivos, não importando muito como chegar lá; em que a busca de poder e o desejo de servir assumirem o mesmo significado.

A ânsia pelo espetacular ou pelo sucesso costuma ser mais uma manifestação de busca por identidade. Ansiamos por ser alguém, celebrado e reconhecido. Se o espetacular cumprir sua necessidade íntima, você fará qualquer coisa para consegui-lo? Admitamos: isto procede da ilusão do ser humano egoísta! Procede de um coração incrédulo, que desaprendeu a confiar em Deus. Procede de um coração que se revela carente de amor por/de Deus, pois “*o amor é sofrer*”. O ministério consiste em servir ao Senhor dependendo do poder dEle, e não do nosso; é através de nossa fraqueza e vulnerabilidade que nos tornamos solidários ao próximo. Precisamos recordar que a suficiência é de Cristo; que a excelência do poder é Deus e não nossa; e que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza.

CONCLUSÃO

Urge que se levantem homens dispostos a se gastarem por Deus. Michelângelo, artista da renascença, escultor notável, disse que, “quanto mais se gasta o mármore, tanto mais cresce a estátua”. Nossa geração carece de homens que estejam sendo mortificados e transformados na imagem de Cristo.

Precisamos de homens que, enquanto se gastam, transmitam luz. O sol é uma estrela de quinta grandeza. Dizem-nos os astrônomos que é uma estrela cansada. Ele vem queimando e queimando, e sua energia, derramando-se sobre a terra, é aproveitada pelas plantas, nos jardins, e se transforma em oxigênio, flores e frutos... em vida!

James Elliot, mártir missionário entre os índios no Equador, disse: “Não é um insensato aquele que gasta aquilo que não pode conservar, a fim de obter aquilo que não pode perder”. Uma das maiores bênçãos que Deus poderá conceder-nos é uma geração de líderes que, por amor a Jesus, perderam sua vida para ganhar. Que Deus nos conceda seus profetas dos quais este mundo não é digno; trombetas que ecoem um somido certo e definido, não obstante o tom sofrido!

A Igreja de Cristo é um hospital onde todos estão, em alguma medida, doentes com algum tipo de enfermidade espiritual. Que todos tenham oportunidade para exercitar mutuamente o espírito de sabedoria e humildade.

Richard Sibbes

COMO PODEMOS MOTIVAR O CUIDADO MÚTUO?

Erroll Hulse

(Preletor da II Conferência Fiel em Moçambique - 2001)

Uma igreja ideal é aquela que cuida dos seus. Uma igreja ideal é aquela onde há pregação bíblica e governo escriturístico, onde são observadas as ordenanças do batismo e da ceia do Senhor e onde há evidências de vida espiritual. Tal vida pode ser percebida pelo culto espiritual, pela santidade dos membros, pelo amor fraterno, pelo evangelismo e pelas boas obras.

Em igrejas grandes, dificilmente os líderes conseguem manter um cuidado contínuo e amoroso por todos os necessitados, entre os membros e os congregados.

Requer-se cuidado pastoral para os que passam por *stress*, para os debilitados, os idosos, os solteiros, os viúvos e os deprimidos, sem mencionar o cuidado especial de manter os missionários no campo. Há, ainda, a necessidade de prover sustento e

apoio a pastores que estão, eles mesmos, expostos a intensas pressões.

Meu propósito é estimular o desejo pelo cuidado mútuo, conforme Paulo nos exorta: “Sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13). Jesus declarou que, se quisermos nos tornar grandes em seu reino, o caminho para essa grandeza é tomarmos a posição mais humilde de servos. Ser grande, espiritualmente falando, significa servir aos outros com humildade. O próprio Jesus desceu do mais elevado reino de glória, para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.43-45). Ele nos deu um exemplo de serviço humilde ao lavar os pés dos seus discípulos (Jo 13.4-5). Todos os membros da Igreja de Cristo, de uma forma ou de outra, prestam serviços. A expressão “serviço diaconal” é usada tanto em sentido geral e amplo (Ef 4.12,

Rm 16. 1) como também em um sentido mais específico, para descrever os que são oficialmente reconhecidos para organizar e administrar os interesses da igreja (At 6.2-3; 1 Tm 3.13).

Efésios 4.11-12 declara que Cristo concedeu pastores e mestres, a fim de prepararem o povo de Deus “para o desempenho do seu serviço”.

O texto pode ser assim traduzido: “Para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra de servir”. Hendriksen refere-se à declaração de Lenski como sendo de grande ajuda para explicar esses versículos, ou seja, que “aos pastores e mestres é dada a incumbência de prover o equipamento necessário a todos os santos, para a obra de ministrar uns aos outros, de forma a edificar o corpo de Cristo”.

Não é o suficiente pregar corretamente do púlpito. O ensino deve ser aplicado ao nível pessoal (CI 1.28). É preciso haver incentivo, de público e em particular, para estimularmos a prática do cuidado mútuo na igreja. A hospitalidade é uma das maneiras de se manifestar o cuidado mútuo. Devemos lembrar que a hospitalidade é uma qualificação necessária à liderança (Tt 1.8).

De que forma o cuidado mútuo pode ser incentivado? A resposta é

que tanto as doutrinas da graça quanto a doutrina da igreja deveriam estimular o cuidado mútuo.

AS DOCTRINAS DA GRAÇA

Por *doutrinas da graça* refiro-me às verdades bíblicas que demonstram o fato de sermos salvos somente pela graça. Devemos também notar que a graça pela qual somos salvos é imensurável em suas proporções.

Abordarei quatro doutrinas da graça, conforme estão expressas na carta aos Efésios: eleição, regeneração, ado-

ção e esperança.

1. *Eleição* — Em algumas igrejas, raras vezes, ou nunca, se ouve acerca da doutrina da eleição. Paulo, ao invés de ocultar essa verdade, inicia sua carta aos Efésios referindo-se a essa doutrina: “Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele” (Ef 1.4). O ensino é prático: a finalidade da eleição é a santidade. O efeito da eleição sobre os tessalonicenses foi torná-los ousados no evangelismo. Através deles o evangelho repercutiu por toda parte (1 Ts 1.4-8).

A doutrina da eleição é maravilhosa. Sou salvo, exclusivamente, por causa da iniciativa e do chamado da parte de Deus. Por trás da

— ■ —

“Aos pastores e mestres é dada a incumbência de prover o equipamento necessário a todos os santos, para a obra de ministrar uns aos outros, de forma a edificar o corpo de Cristo”.

— ■ —

eleição está o amor do Pai. Minha resposta a este amor é amar o seu povo. Deus provou o seu amor por meio de uma ação: a ação de dar o seu Filho. Àqueles que têm sido tão amados (*agapetoi*) o apóstolo João diz: “Se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1 Jo 4.11). O amor é demonstrado por atos, não somente por palavras (Tg 2.14-19). O cuidado mútuo é o modo pelo qual demonstramos nossa gratidão pela eleição da parte de Deus.

2. *Regeneração* — Efésios 2.1-10 nos fornece uma poderosa descrição da soberana graça de Deus. Não há vida em um cadáver. Você pode dispor 1.000 trombeteiros diante de um túmulo, para que toquem suas trombetas; mas isso não ressuscitará o morto. Espiritualmente falando, estamos mortos no pecado. Exigia-se uma obra de criação sobrenatural, uma ressurreição espiritual, para nos dar a vida espiritual, por meio de um novo nascimento (Jo 5.24; Hb 8.10, Ap 20.5). Como podemos demonstrar nossa gratidão por uma graça tão imensa quanto esta, que nos livrou da morte espiritual e eterna? Se compreendermos a graça maravilhosa envolvida na obra da regeneração, certamente corresponderemos, entregando-nos a Deus em serviço voluntário (Rm 12.1-2).

3. *Adoção* — Paulo escreveu: “[Deus] nos predestinou para ele, para a adoção de filhos” (Ef 1.5). Pela graça somos feitos “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17). “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1 Jo

3.1). O amor pelos outros membros da mesma família, o que em termos práticos significa ter cuidado mútuo, é a explicação óbvia e direta dessa verdade. Simplesmente não faz sentido as igrejas se declararem reformadas, se na prática diária há pouca evidência das doutrinas da graça. Existe possibilidade de alguém possuir um entendimento técnico e frio da doutrina, sem qualquer experiência interior quanto ao seu poder.

4. *Esperança* — A esperança faz parte da doutrina da graça, pois objetiva a realização final de nossa herança completa que é a dádiva de Deus para nós. Paulo orou para que os crentes efésios conhecessem “a esperança do seu chamamento” e “a riqueza da glória da sua herança nos santos” (Ef 1.18); herança essa que, Pedro afirmou ser “incorrupível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus” para nós (1 Pe 1.4). Nossa fé e nosso amor são fortalecidos pelo conhecimento dessa esperança (Cl 1.5; Tt 1.2). Nossa esperança contempla o fato de que Deus nos mostrará “a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus” (Ef 2.7). Se todos compartilhamos desta esperança (Ef 4.4), que envolve nossa herança com glória inexprimível, segue-se que, agora, neste mundo, devemos ser zelosos em cuidar dos nossos irmãos e irmãs. Visto que o nosso patrimônio será tão vasto no mundo futuro, não nos causará danos compartilhar nossos bens no mundo presente.

A DOCTRINA DA IGREJA

A natureza da igreja, como cor-

po de Cristo, também ressalta a necessidade de cuidado mútuo. Efésios 4.15 e 16 sintetiza bem este ensino, que passo a expor em quatro tópicos:

1. *Cada membro do corpo deriva sua vida da cabeça.* “Cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15). Colossenses 2.19 expressa o assunto de maneira um pouco diferente, quando diz que todo o corpo cresce, estando ligado e suprido pela cabeça (Cristo). John Owen comentou: “Este é o fundamento de toda a unidade evangélica entre os crentes”. Em sua obra acerca da unidade das igrejas, Owen aponta o fato de que todas as igrejas evangélicas, no mundo todo, são realmente uma só, sendo todas unidas, pois todas procedem da mesma cabeça. Todos os crentes, sem exceção, derivam sua vida presente da mesma cabeça, Cristo. As implicações práticas dessa verdade são enormes. A unidade e o amor cristão não se estendem a uma igreja apenas, mas a todas as genuínas igrejas evangélicas, igualmente. Segue-se, então, que não podemos dizer a um membro necessitado de outra igreja, que clama por socorro: “Vai-te embora! Cuidamos apenas dos nossos!” A Igreja de Cristo é uma só igreja (Ef 4.4-6).

2. *Cada membro é vital para o corpo.* “De quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda a junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4.16). A analogia do corpo humano é usada, neste verso, da mesma forma que em

Romanos 12.4-5 e, mais detalhadamente, em 1 Coríntios 12.12-26. Jamais devemos pensar que a igreja local a que pertencemos seria melhor sem os seus membros mais fracos. Paulo declarou: “Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários” (1 Co 12.22). Cada parte é preciosa. Paulo criou a sua própria palavra (*sunarmologoumenon*) que é traduzida por “bem ajustado” e usou esse mesmo termo em sua analogia ou ilustração sobre o edifício (Ef 2.21). Todas as pedras vivas estão bem ajustadas; se faltar uma só pedra, então o edifício será imperfeito, assim como o corpo humano é imperfeito, se lhe falta um olho, uma orelha ou um dedo.

Em termos realistas, este ensinamento a respeito da igreja reforça a absoluta necessidade do cuidado mútuo, no corpo. Através da graça comum, todos sabem a diferença entre o cuidado e a falta de cuidado. Uma enfermeira do Quênia foi trabalhar em um hospital de Londres, a fim de ganhar experiência na área de cuidado geriátrico. Após seis meses, ela não pôde mais tolerar o pobre tratamento ministrado aos idosos. Retornou ao Quênia dizendo que o tratamento oferecido aos idosos na sociedade ocidental era bárbaro, em comparação com o de sua cultura.

3. *Cada membro precisa crescer em amor.* “Todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, ... efetua o seu próprio aumento... em amor” (Ef 4.16). Cada membro deve crescer em amor pelos outros membros. Você ama seus ir-

mãos cristãos mais hoje do que há um ano atrás? O céu é um reino de amor. O amor perfeito prevalecerá naquele novo mundo. O inferno é um mundo de ódio. Jesus nos deu o novo mandamento para enfatizar a necessidade de amor (Jo 13.34-35). Requer-se de cada membro do corpo que cresça em amor pelos outros membros.

Há algum cristão verdadeiro a quem você odeia? Um irmão crente pode ser provocador e, até mesmo, irritante; contudo, não devemos falhar em nosso amor para com ele. Um amigo cristão pode ser surpreendido em um pecado. A restauração deve, então, ser aplicada com brandura (Gl 6.

1). Pedro negou o Senhor, mas foi restaurado à comunhão. Pode acontecer que um líder cometa um pecado escandaloso, que o privará de seu ministério, mesmo que se arrependa. Se ocorrer isto, não deveremos ignorar aquele irmão, pois carecerá do amor e do consolo da comunidade cristã, mais do que nunca.

A advertência é clara. Você pode considerar-se um cristão, porém, se odeia o irmão, está em trevas (1 Jo 2.11). Se você odeia seu irmão, isto significa que não tem a vida eterna em si (1 Jo 3. 15). Se odeia seu irmão, não finja para si mesmo que ama a Deus, porque não é verdade. Está enganando a si mesmo. Você é mentiroso, se afirma que ama a Deus

e, apesar disso, odeia seu irmão (1 Jo 4.20). Além do mais, esta não é uma questão de palavras, e sim de atos. É hipocrisia lisonjear seu irmão e depois feri-lo pelas costas.

Você poderá dizer que apenas falei sobre o lado negativo da questão. Pois bem! Sejamos positivos! Você ama seus irmãos? Se é assim, você está preparado para dar sua vida por eles? (1 Jo 3.16). Pense no irmão que você menos ama e gosta. Está preparado para dar sua vida por ele? Esse pensamento parece irreal. Não será isto uma hipérbole, usada para nos incitar a sacrificar nossas vidas em serviço de outros? Não teria isto o propósito de nos des-

Simplesmente não faz sentido as igrejas se declararem reformadas, se na prática diária há pouca evidência das doutrinas da graça.

safiar quanto ao darmos de nós mesmos em favor de outros? Você é fiel nesses assuntos tão básicos? Se amarmos nossos irmãos e irmãs, então seremos práticos em dar de nós mesmos e não seremos seletivos, ou seja, não diremos que estamos dispostos a ajudar somente os necessitados dos quais gostamos e que não socorremos aqueles que não apreciamos (1 Jo 3.17; Tg 2.1-4, 14-19).

4. *Cada membro tem boas obras a realizar.* “Segundo a justa cooperação de cada parte” (Ef 4.16). Esse texto pode ser traduzido literalmente por “segundo a operação na medida de cada uma parte”. O Espírito Santo energiza cada membro, conforme

disse Paulo: “Todos nós fomos batizados em um corpo... E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (*ebaptisthemen kai epotisthemen*, 1 Co 12.13). Paulo afirmou: “Nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12.5). A aplicação é que certa medida de graça foi dada a cada membro, e todos têm diferentes dons, com os quais servem ao corpo (Ef 4.7).

A tarefa dos pastores e mestres é encorajar cada um dos membros ao cuidado mútuo (Gl 5. 13); é também reconhecer e estimular a prática de dons espirituais individualmente, para o benefício de todo o corpo. Nisto se inclui o serviço mais insignificante.

Estamos espiritualmente motivados de tal modo que nos alegramos em tomar uma bacia, água e toalha, e lavar os pés uns dos outros? Não estou sugerindo que façamos isto literalmente, mas que, em termos de serviço, estejamos prontos a realizar as mais humildes tarefas.

Quando forem atendidas nossas orações por um derramamento do Espírito Santo, o amoroso cuidado mútuo abundará em nossas igrejas. A Palavra pregada será poderosa. E todos os necessitados serão incluídos no envolvimento do amor, do cuidado mútuo e da unidade, para a glória do nosso grande Redentor, o Cordeiro de Deus.

O MAIS VERO AMOR

Algum dia, quando as lições da vida
 tivermos aprendido,
 E o sol e estrelas para sempre se puserem,
 Tudo o que nossos fracos juízos refugaram,
 Coisas que com açoites nos magoaram,
 Diante de nós cintilarão
 como brilham as estrelas
 nos mais fortes tons de azul;
 Então veremos como os planos de Deus
 estavam certos;
 Era o **mais vero amor** o que tomamos
 por reprovação.

(Autor Desconhecido)

TREMENDO DIANTE DA CRUZ

James M. Reniham

O professor John Murray escreveu, em certa ocasião, que o temor de Deus é o âmago da piedade; e com certeza ele estava correto. Embora seja freqüentemente olvidado, o temor de Deus é um dos conceitos centrais da Bíblia. O povo de Deus O teme, porque O conhece da maneira como Ele se revelou nas Escrituras. Thomas Manton disse: “Este sentimento deve ser aquilo que identifica os servos de Deus, por ser o grande princípio que tanto nos guarda do pecado quanto nos impulsiona a cumprir nossos deveres. O temor de Deus é uma das fundamentais e essenciais virtudes que o crente possui” (*Works* [Obras], 6:409).

Manton aludiu às duas principais características do temor de Deus, quando disse que este sentimento “tanto nos guarda do pecado quanto nos impulsiona a cumprir nossos deveres”. Por um lado, no temor de Deus existe um senso de terror em

permanecer na presença dEle. Isaías, em sua grande visão do Senhor assentado no templo, sentiu-se despedaçado quando seu pecado foi revelado diante da gloriosa santidade de Deus. Embora Isaías fosse membro do povo de Deus, ele conhecia o potencial da ira de Deus quando manifestada contra o pecado. Isaías experimentou aquilo que foi expresso pelo escritor da epístola aos Hebreus, o qual nos lembra que é algo terrível cair nas mãos do Deus vivo. Por outro lado, o temor de Deus se evidencia em um profundo amor e reverência à pessoa de Deus, que, para aqueles que O seguem, é atraente. Seu povo deseja estar com Ele e anela pelo senso de sua presença e majestade. Eles se regozijam em prostrar-se diante dEle e adorar sua gloriosa soberania. Para eles, a sua maior felicidade está em exaltar seu Senhor.

Muitas ilustrações podem ser

apresentadas em referência a este duplo significado do temor de Deus. Consideremos uma destas ilustrações: a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

Se não for por intermédio dos olhos da fé, tudo o que podemos contemplar na cruz é aquilo que Isaías descreveu: “Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso” (Is 53.2-3). No entanto, o crente contempla mais profundamente e diz: “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53.4-6).

A cruz do Calvário ilustra bem a dupla natureza do temor de Deus. Ela demonstra o furor da ira de Deus.

Quando pensamos na cólera derramada sobre o Filho de Deus — santo, imaculado, puro e amado — morrendo em indescritível agonia, podemos obter um vislumbre da terrível ira de Deus. Quem é este Deus, capaz de fazer uma coisa tão admirável como esta? Se castigou o pecado desta maneira, Ele tem de ser temido por nós.

A cruz também demonstra o amor de Deus. Quando pensamos na atitude do Pai ao enviar seu Filho, para suportar o castigo do pecado de seu povo, e meditamos no Filho aceitando a ira de seu amado Pai, temos um vislumbre da compaixão e do amor de Deus. Que Deus é este, que realizou algo tão impressionante por mim? Se Ele puniu os meus pecados daquela maneira, preciso temê-Lo com todo o meu coração. O antigo hino expressou isto corretamente:

*Onde Tu estavas
quando crucificaram meu Senhor?
Onde Tu estavas
quando crucificaram meu Senhor?
Onde Tu estavas
quando crucificaram meu Senhor?
Às vezes, isto me faz tremer,
tremer, tremer:
Onde Tu estavas
quando crucificaram meu Senhor?*

O Calvário mostra como os homens podem ir longe no pecado, e como Deus pode ir longe para salvá-los.

H. C. Trumbull

O PREÇO DA IMORALIDADE

Gary W. Hendrix

Desde os meados da década de 1960, temos sido sistematicamente doutrinados na filosofia da “revolução sexual”. Tem havido uma implacável investida contra as práticas tradicionais da ética judaico-cristã, em especial no âmbito da moralidade sexual. Ainda mais importante: na sociedade americana, da qual faz parte este autor, tem existido uma determinação para apartá-la de sua vigorosa consciência a respeito do pecado, instilada pelos seus antepassados puritanos e pela maneira sábia como eles utilizaram os Dez Mandamentos.

Infelizmente, muitas igrejas e pregadores tem colaborado de maneira deliberada para este esforço, por sua falha em não oferecer aos seus ouvintes uma explicação clara e detalhada dos Dez Mandamentos.

De qualquer maneira, como nação temos aceitado a idéia de que a atividade sexual antes do casamento é uma atitude adulta normal ou mes-

mo um hábito juvenil; e a infidelidade conjugal, como uma questão de direito pessoal e um privilégio.

No entanto, talvez a evidência mais nítida de quão longe nos afastamos se encontra na crescente aceitação que tributamos àqueles que decidem praticar o homossexualismo. Condiçionados pelo recorrente assunto dos direitos pessoais irrestritos, no âmbito da conduta sexual, adquirimos o conceito de que a homossexualidade é, afinal de contas, uma alternativa aceitável às relações heterossexuais praticadas por todas as sociedades da história, desde a antiguidade, até ao presente. “Temos evoluído bastante, amigo”, ecoa-se o slogan.

É bastante oportuno que gaste-mos tempo e esforço para avaliar o preço da revolução sexual. Qual a sua contribuição à unidade básica de nossa sociedade, a família? A revolução sexual tem produzido caos e, em muitos casos, ruína.

Cada vez mais, famílias normais

que possuem pai e mãe vivendo e trabalhando juntos na criação de seus filhos são exceções, ao invés de normalidade. Milhões de jovens confusos estão crescendo e atingindo a maturidade sem a influência de pais que agem como pessoas maduras, responsáveis, líderes amáveis e exemplos em seu lar. Um dos resultados dessa situação é que uma elevada porcentagem de crimes são cometidos por jovens que não foram abençoados por pais que cumprem sua devida função.

O que podemos dizer a respeito da felicidade pessoal, o objetivo principal da ética americana — a revolução sexual tem outorgado a felicidade pessoal que sempre prometeu? Pense no elevado número de pessoas que praticam a promiscuidade e também são viciadas em álcool e drogas, e você obterá a resposta. Considere a proliferação de doenças sexualmente transmitidas, na miséria pessoal e na astronômica quantia que ela tem extirpado de toda a sociedade, por causa dessas doenças; e você terá a resposta.

A revolução sexual está começando a provar seu verdadeiro valor. E, amigos, estamos apenas contemplando o topo do iceberg. Como um povo, temos nos tornado endurecidos de coração para aprender a lição, mas o fato é que Deus não se deixa escarnecer — o que as pessoas semeiam (quer como indivíduos, quer como nação) elas colherão. A provi-

dência e a justiça divinas se encarregarão disso.

Oh! que líderes em todas as camadas da sociedade recebam corações que amem a justiça, desta se tornem exemplos e exponham seus louvores. Oh! que pastores novamente proclamem todo o conselho da Palavra de Deus, não somente as coisas básicas do glorioso evangelho, mas também a bendita Lei de Deus, que faz resplandecer a beleza do evangelho de maneira intensa para aqueles que dele necessitam. Oh! que os responsáveis por nossas comunidades sejam ousados em defender as leis que prevalecem contra o flagrante pecado sexual e façam tudo que puderem, no legítimo âmbito de sua autoridade, para assegurar um ambiente saudável para o desenvolvimento moral dos jovens. Oh! que pessoas de influência se tornem apegados à verdade de que os fomentadores do pecado são realmente culpados diante do todopoderoso Juiz do universo (Rm 1.32).

Veremos um amplo retorno a alguma coisa que se aproxima das normas bíblicas de justiça prevalecendo em nossa sociedade? Somente Deus o sabe. Entretanto, é seguro dizer que não temos qualquer garantia para esperar tal coisa, a menos que os cristãos professos se arrependam de seus pecados, invoquem a Deus com humildade e fervor de coração e, novamente, mantenham com ousadia o padrão da verdade de Deus a respeito do pecado e da justiça.